

Um jornalismo obrigado a se reposicionar

Quando iniciamos o processo deste dossiê temático, ainda na escrita da chamada-convite para pesquisadores e pesquisadoras, morávamos em um outro Brasil – melhor dizendo, em um outro planeta. Era o final de 2019 e estávamos, mundialmente, prestes a sofrer uma queda e uma perda históricas. Os problemas que já se apresentavam – a escalada do autoritarismo e da desigualdade social, por exemplo – só ganhariam mais corpo e densidade perante nossos olhos.

Assim, temas-chave trabalhados aqui, como histórias de vida, racismo, sexismo, testemunhos, narrativas, gênero, objetividade e subjetividade, entre outros, foram matizados, de forma explícita ou não, por um vírus que nos obriga, como sociedade, a nos reposicionar. Esse exercício deve ser realizado frente ao Outro, à Outra e a nós, frente às nossas produções, pesquisas e mesmo às anacrônicas e falsas dicotomias entre fazer e pensar. Desde sempre, são estas as questões que nos movimentam e nos fizeram chegar até aqui.

Logo, a pandemia da Covid-19 viria atravessar, de maneiras várias, esta publicação, fosse por questões logísticas e mais simples como a prorrogação do tempo de envio (de repente, muita coisa parecia secundária frente ao desastre na saúde pública), fosse como tema recorrente de diversos artigos enviados. Sobre isso, é preciso pontuar: foram muitas submissões de excelente qualidade, tornando difícil a escolha dos textos que fazem parte do dossiê. Nosso sincero agradecimento a todas e todos que submeteram seus trabalhos em um contexto tão pouco feliz de nossa história. Também enviamos um saravá às e aos pareceristas, parceiros fundamentais nessa jornada que atravessou brasis. Muito obrigada.

Apresentando muito brevemente os textos trazidos aqui, e sintetizando esse momento de dor também por meio do jornalismo, o artigo “Memoriais online às vítimas da Covid-19 no Brasil: narrativas sensíveis à dor alheia” traz uma análise das narrativas de sofrimento nos sites *Inumeráveis* (feito de maneira colaborativa) e *Memorial Covid-19* (do portal G1). Defende que ambos realizam uma “guinada moral” em relação à cobertura jornalística da pandemia, valorizando desta vez as vidas, não meramente os números. Assim como o artigo “Jornalismo: testemunha lacunar da história”, que questiona a objetividade testemunhal como um valor intrínseco à atividade jornalística e assume o afeto (das maneiras várias que ele nos atravessa, positivamente ou não) como categoria fundamental para o campo, ampliando a noção de testemunho midiático como uma experiência repleta de lacunas e subjetividades.

Com uma abordagem pouco usual, a ótica do testemunho também é o foco do artigo “Quando crianças e adolescentes testemunham: trauma, perda e identidade no jornal A Sirene”. O periódico, criado um ano após o rompimento da Barragem de Fundão, das mineradoras Samarco/Vale/BHP Billiton, em 5 de novembro de 2015, abriu suas páginas para que as crianças e adolescentes pudessem narrar lembranças traumáticas advindas da perda de espaços socialmente cultivados.

A questão dos enquadramentos jornalísticos e de como eles produzem novas visibilidades ou reforçam padrões redutores e, no limite, desumanizantes, está presente em textos como “A última morte de Lourival: precariedade das práticas jornalísticas e narrativização normativa dos corpos” e “Testemunhos sobre transgeneridade e a constituição de novas subjetividades em *Quem Sou Eu?*”. A partir de ambos, percebemos como a questão do corpo transgênero visto através da imprensa pode tanto vir revestida com uma anacrônica e redutora exotificação, a que investe na construção de um “outro” indecifrável, quanto, a depender de interesses específicos, trazer abordagens que prezam não pela diferença, mas pela semelhança.

É esta última perspectiva que conduz o artigo “Incerteza e complementaridade de opostos na série de reportagens *Um Mundo de Muros*”. A partir dos estudos de Cremilda Medina, Dimas Künsch, Edgar Morin, Boaventura de Sousa Santos e Reginaldo Prandi, a análise sublinha como uma narrativa jornalística procura, no lugar de explicar o mundo, compreendê-lo. Essas tentativas de encontro através de uma imprensa que hoje, por conta de uma série de mudanças promovidas também pelas interações tecnológicas, vem sendo ineditamente escrutinada, está presente no artigo “O futebol de mulheres na revista Placar: da objetificação à redenção como um dos lugares para compreender o jornalismo”, no qual observamos como uma revista dedicada majoritariamente ao público masculino (e heterossexual) é atravessada por questões como o machismo, a misoginia e os estereótipos produzidos ali.

O suporte revista é visto mais uma vez no texto “Porque todo ponto de vista é um ponto: a subjetividade como um dos lugares para se compreender o jornalismo”. Através de uma análise que evidencia o próprio pesquisador como agente eloquente, aprendemos quais masculinidades eram constituídas por dois diferentes veículos, as revistas *Junior* e *Men’s Health Portugal*.

O gênero surge mais uma vez, agora entrecruzado com a política institucional brasileira em “Práticas de recepção, performatividade de gênero e jornalismo nas eleições de 2018”. No estudo de recepção, o foco é a produção de subjetividades de sapatoes em contato com produtos midiáticos/jornalísticos no momento das eleições presidenciais de 2018, quando, pela primeira vez após a redemocratização, o Brasil viu surgir muito fortalecido o campo da extrema-direita. O que contribui para o aumento da violência no país, em especial as de gênero e sexual, como revela o artigo “Violência de gênero e violência sexual em abordagens jornalísticas para ampliação do conhecimento. O trabalho analisa como o jornalismo pode contribuir para produzir conhecimento sobre conceitos relacionados ao assunto que são de baixa compreensão no âmbito social.

A presença de jornalistas comunitários em um veículo do *mainstream* é o tópico principal do artigo “Jornalistas comunitários no *The Guardian*: os impactos das Olimpíadas de 2016 nas favelas”. A diversidade de representações sobre o megaevento é trazida pelas vozes da comunidade, o que não indica, entretanto, que o espaço tenha sido ocupado de maneira democrática e igualitária. Essa ocupação dos espaços comunicacionais por pessoas “externas” ao campo profissional também pode ser acompanhada por intermédio do trabalho “Fotojornalismo cidadão: comentário sobre contradições na fé redentora da cidadania”, que indica as potências dessas ações, mas também expõe as contradições inerentes ao exercício popular do fotojornalismo.

A relação entre os sujeitos no processo de configuração de narrativas é a questão central do artigo “O narrar e o Outro: uma reflexão sobre a alteridade na construção de narrativas jornalísticas”, que aponta a via da alteridade como caminho viável para a reflexão acerca do ato de narrar no âmbito do fazer jornalístico. Esse movimento também pode ser percebido em “A casa que sangra: expressão e subjetivação no fotojornalismo de longo prazo”. O artigo analisa o trabalho do fotógrafo mexicano Yael Martínez, em comparação a outros dois fotógrafos, evidenciando o papel da construção de subjetivação e da ação política do fotógrafo ao registrar a si e a sua família enquanto vítimas da violência em seu país.

“Autoria, assinatura coletiva e jogo na narrativa jornalística: um diálogo com o documentário ‘Voyeur’” tem como proposta a reflexão sobre a autoria na narrativa jornalística, a partir do documentário de Gay Talese, buscando responder algumas perguntas como “a quem pertence a história que se narra? Quem a conta? Quem é seu autor, quando os horizontes autorais, hermenêuticos e, de modo mais amplo, simbólicos têm seus alicerces em questão?”. A linguagem utilizada nos títulos de um veículo jornalístico digital é o mote do artigo “Títulos jornalísticos no *BuzzFeed News*: marcas de oralidade e reconfiguração da narrativa no veículo nativo digital”. A pesquisa, realizada em 2019, procurou identificar as mudanças de narrativa no estilo de fazer títulos do *BuzzFeed News* Brasil e quais elementos foram responsáveis pelo caráter distinto de produção do veículo em relação ao modelo tradicional.

Um destaque da edição é a entrevista com a pesquisadora Márcia Veiga, fonte bibliográfica recorrente em vários artigos, incluídos ou não neste dossiê. Através de um enfoque que privilegia o jornalismo nas suas relações com a cultura, com as relações de gênero e poder, Márcia Veiga sublinha que esse campo de conhecimento é fundamental para entender como esse híbrido poder-saber opera. Assim, é inescapável que a prática carregue – às vezes com bons disfarces – uma lógica masculinista (e ainda racista e impregnada de uma razão que se entende como universal). Mas a proposta da autora do livro *Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias* traz elementos de construção de futuros, de proatividade: ela percebe e evidencia resistências no interior deste poder, mesmo no espaço da chamada imprensa de referência, mais conservadora e não desejosa de nada que a aproxime da ideia de um ativismo.

Convidamos vocês para a leitura deste dossiê que nasce em meio às múltiplas revoluções correntes, o campo da Comunicação e mais especificamente do Jornalismo no centro dessas mudanças. Aqui, alguns feixes de luz para nos ajudar a seguir o caminho. Boa leitura.

Fabiana Moraes (UFPE) e Marta Maia (UFOP)